

3.

O poder do amor e a natureza múltipla do fenômeno agressivo

De todas as tendências humanas, a agressividade, em especial, é escondida, disfarçada, desviada, atribuída a agentes externos, e quando se manifesta é sempre uma tarefa difícil identificar suas origens.
(Winnicott, 1939)

As idéias fundamentais de Winnicott, no tocante à agressividade, nunca chegaram a se modificar realmente ao longo de toda a sua vida. De fato, elas foram sendo enriquecidas e elaboradas, desde seu primeiro trabalho intitulado *Agressão*, de 1939, até suas últimas contribuições, a partir da sua preocupação com o papel da agressividade no desenvolvimento do indivíduo (Abram, 2000). Para Winnicott, a agressividade está sujeita a várias vicissitudes: à medida que o bebê cresce ela será vivenciada através de processos totalmente dependentes do tipo de ambiente com que ele, o bebê, se depara.

Para Phillips (1988), por trás dos principais trabalhos de Winnicott na década de 1950¹ estava o seu interesse acerca do papel da agressividade no desenvolvimento emocional. “Era a natureza da agressão e o seu papel no desenvolvimento que, efetivamente, o deixava perplexo” (Phillips, 1988, p.103). Ainda que fosse evidente, para Winnicott, a participação essencial da agressividade ao processo de individuação, não era óbvio que se tratasse de um instinto que pudesse ser comparável ao instinto sexual. Na opinião de Phillips, em Winnicott, à temática da agressividade encontra-se associada tanto aos seus ‘*insights*’ mais poderosos bem como às suas formulações mais obscuras.

Não era usual entre os psicanalistas, àquela época, a noção de realização do *self* (*self-realization*): “na psicanálise os instintos tinham vicissitudes ou destinos, mas não *selves*” (Phillips, 1988, p.104). Klein, desenvolvendo o conceito freudiano de pulsão de morte, havia proposto uma teoria que tinha por base o caráter inato da destrutividade infantil, a qual ela se referia em termos de ódio, sadismo ou inveja. Winnicott (1960b) não se cansa de prestar tributo ao trabalho de Klein, reconhecendo que “as pesquisas de Klein acrescentam mais à teoria de Freud ao clarificar a inter-relação entre as ansiedades

¹ Para Phillips (1988) esses artigos seriam: *Preocupação Materna Primária* (1956), *a Tendência Anti-Social* (1956) e *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais* (1951).

primitivas e os mecanismos de defesa” (p. 42). A seu ver, ao se ocupar com a análise de crianças muito pequenas, o trabalho de Klein lançava luz sobre a infância mais precoce, chamando “atenção para a importância dos impulsos agressivos e destrutivos que estão situados mais profundamente do que aqueles que são reativos à frustração e relacionados ao ódio e à raiva” (Idem).

Winnicott (1962c) não achava válida a idéia freudiana de instinto de morte, bem como considerava desorientador e extremamente simplista o uso que Klein fazia da palavra ódio. No entender de Phillips (1988), ele “tentou suplantar vocabulário de Klein – o qual, a seu ver, havia patologizado o desenvolvimento comum – com uma história natural do papel da agressão no desenvolvimento emocional” (p.105). A noção de realização do *self*, juntamente com a de agressividade, constituem o cerne da sua teoria do desenvolvimento que tem no poder do amor sua pedra fundamental. Ao final da década de 30, insurgindo-se contra o pensamento dominante àquela época, Winnicott irá associar a temática da agressividade aos poderosos impulsos do amor primário que visam a realização do *self*, inaugurando uma linha de pesquisa que se tornaria uma das vigas mestras da sua teoria e o acompanharia até o final da sua vida.

A partir da sua preocupação inicial com o papel da agressividade no desenvolvimento do indivíduo, Winnicott acabou por produzir uma extensa investigação que veio renovar o debate acerca tanto da criatividade quanto da destrutividade inerentes à natureza humana. Ao longo desse trajeto, a agressividade irá se revelar como um fenômeno de natureza múltipla. Como veremos, a seguir, num primeiro momento, ele estará preocupado preferencialmente em propor e sedimentar novas bases para o estudo do fenômeno agressivo. Não apenas ele reconhece na agressão primária - ao invés dos impulsos destrutivos da pulsão de morte -, a expressão do amor primário, como também, a partir de 1945, chamará atenção para a importância decisiva dos fatores ambientais quanto aos sentidos que esses impulsos poderão adquirir. Com a teorização, na década de 1950, dos *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais*, surge, com todo vigor, a questão da criatividade, revelando, através do gesto espontâneo, a face criativa dos impulsos agressivos. Por fim, em sua última contribuição, *O Uso de Um Objeto e Relacionamento Através de Identificações*, apresentada perante a Sociedade Psicanalítica de Nova York em novembro de 1969, Winnicott irá postular o valor positivo da destruição. Como observa

Phillips (1988), para Winnicott, “agressão não era uma coisa única, e os propósitos aos quais ela servia no desenvolvimento do indivíduo mudaram com o tempo” (p.104).

Nosso objetivo é apresentar a evolução do pensamento de Winnicott, no tocante à questão da agressividade, acompanhando-o nos vários momentos da sua investigação. Como ele mesmo afirmaria, em um de seus últimos trabalhos, é a “idéia de um primeiro impulso destrutivo é a que é difícil de compreender. É isto que precisa de atenção e debate” (Winnicott, 1968f, p.186). Desse modo, esperamos criar as condições necessárias para uma melhor compreensão e avaliação das suas formulações, em sua complexidade e abrangência.

3.1 Agressão primária - o outro nome do amor dos começos

Posso apoiar minha tese citando Freud, que escreveu que, de acordo com Empédocles, o poder do amor esforça-se por aglomerar as partículas primeiras dos elementos (do universo e do homem), dos quatro elementos em uma unidade única... (Winnicott, 1968 – o grifo é do autor)

A expressão *agressão primária* apareceu pela primeira vez em 1939, no trabalho inaugural de Winnicott sobre o tema da agressividade - *Agressão*. Nesse momento, ele postula a existência de uma agressão primária que será descrita enquanto “uma voracidade teórica ou amor-apetite primário, que pode ser cruel (*ruthless*), doloroso, perigoso, mas só o é por acaso. O objetivo do bebê é a satisfação, a paz de corpo e de espírito” (Winnicott, 1939, p.97).

Por volta de 1936, fugindo da crescente ameaça nazista, um contingente considerável de analistas havia buscado abrigo na Sociedade Britânica de Psicanálise. A oposição teórica – e apaixonada – suscitada pelo trabalho de Klein havia chegado a um clímax com a publicação, em 1935, de *Uma contribuição à psicogênese dos estados maníacos depressivos*. Nesse artigo, ao introduzir o conceito de posição depressiva, Klein desloca a centralidade do complexo de Édipo na estruturação da vida psíquica. Em 1938, “a oposição a Klein foi ainda mais reforçada com a chegada da família e amigos de Freud... A maioria das partes em conflito achava-se agora reunida sob um só teto, o da Sociedade Britânica de Psicanálise” (Kohon, 1994, p.32).

Winnicott participa dessa efervescência teórica abstendo-se de tomar partido. Ao final de 1935, responde ao artigo de Klein através de *A Defesa Maníaca*, trabalho este, que “o qualificou como membro da Sociedade Britânica de Psicanálise” (Phillips, 1988, p.55). Na opinião de Khan (2000), encontramos nesse texto, “a primeira formulação [de Winnicott] contendo o seu ponto de vista sobre a pessoa humana... Nesse trabalho, Winnicott já assume o seu ponto de vista característico” (p.14):

Passei a confrontar a realidade externa não tanto com a fantasia, quanto com a realidade interna... Faz parte da defesa maníaca do indivíduo a sua incapacidade de aceitar o significado pleno da realidade interna. O termo ‘realidade psíquica’ não envolve qualquer localização da fantasia. O termo ‘realidade interna’ pressupõe a existência de um interior e de um exterior, e portanto de uma membrana limitadora pertencente ao que atualmente chamo de ‘psicossoma’(nota acrescentada em 1957). A realidade interna deve ser ela própria descrita em termos de fantasia. Não é, porém, sinônimo de fantasia, visto que este termo é usado para indicar a fantasia que é pessoal e organizada, relacionada historicamente a experiências físicas de excitação, prazeres e dores da infância. A fantasia é uma parte dos esforços do indivíduo para lidar com a realidade interna. Pode-se dizer inclusive que a fantasia – atualmente eu diria o ‘fantasiar’ (nota acrescentada em 1957) – e o devaneio são manipulações onipotentes da realidade externa. O controle onipotente da realidade implica em fantasias sobre essa realidade. O indivíduo chega à realidade externa através das fantasias onipotentes elaboradas na tentativa de livrar-se da realidade interna. (Winnicott, 1935, p.199-200 – os grifos são do autor).

A noção de mundo interno, introduzida por Winnicott em 1935, é fundamental para compreensão de suas idéias sobre agressividade, formuladas em 1939. Como observa Davis (1981), para Winnicott, “é sob a influência da realidade interna que o mundo adquire forma para o bebê e a criança” (p. 30).

Ao oferecermos uma descrição extremamente minuciosa do comportamento do bebê ou da criança, estamos deixando de fora pelo menos a metade, pois a riqueza da personalidade é, predominantemente, um produto do mundo de relações internas que a criança está construindo o tempo todo através do dar e receber psíquico, algo que ocorre permanentemente e é paralelo ao dar e receber físico que se pode facilmente presenciar (Winnicott, 1939, p.98).

Winnicott propõe, então, uma investigação sobre os comportamentos e sentimentos agressivos que tem por base uma diferenciação entre idéias e experiência, entre intenção e possibilidade. A tese principal defendida por ele, em 1939, encontra-se, em linhas gerais, resumida nesta passagem:

Se é verdade que o bebê tem uma grande capacidade para destruição, não é menos verdadeiro que ele também tem uma grande capacidade para proteger o que ama de sua própria destrutividade, e a principal destruição existe sempre, necessariamente em sua

fantasia. E, quanto a essa agressividade instintiva, é importante assinalar que, embora se torne em breve algo que pode ser mobilizado a serviço do ódio, é originalmente uma parte do apetite, ou de alguma outra forma de amor instintivo. É algo que recrudescer durante a excitação, e seu exercício é sumamente agradável.

Talvez a palavra voracidade expresse melhor do que qualquer outra a idéia de fusão original de amor e agressão, embora o amor neste caso esteja confinado ao amor-boca (Winnicott, 1939, p.97).

Estamos em 1939, ano que marca o início da Segunda Grande Guerra. Em 16 de Dezembro deste ano, Winnicott, junto com John Bolby e Emanuel Miller, envia uma carta ao *British Medical Journal*, alertando as autoridades em relação aos “perigos da evacuação das cidades de crianças com menos de cinco anos” (Winnicott, C. et all., 1984, p.5).

Para Abram (2000), Winnicott encontra-se empenhado em descrever a experiência do bebê com sua própria agressão. Ao mesmo tempo em que fornece uma série de exemplos de como a agressividade primária se manifesta nas relações externas, expõe a noção de um mundo interno, no qual a agressividade surge a partir da fantasia. Ele empreende, neste momento, uma “exploração da fantasia de destruição contida na agressão primária, bem como da inibição do desejo verdadeiro de destruir” (p.7), introduzindo a diferenciação, que será elaborada por ele nos anos subseqüentes, entre a destruição que ocorre na fantasia e aquela que é atuada. Uma noção que será central na sua teoria sobre o uso de um objeto, formulada em 1968.

Através da diferenciação entre o plano das fantasias e o plano da experiência, entre o plano da intenção e o das possibilidades, Winnicott sustenta que, por mais que a agressão primária do bebê possa ser considerada abominável, por um observador, a princípio, ela não é vivenciada por ele (o bebê) dessa forma. E, portanto, como assinala Abram (2000), “não faz parte do vocabulário emocional do bebê” (p.8). Do mesmo modo, ele é sensível ao fato de que “muito rapidamente os bebês passam a proteger o seio, e na verdade é muito raro que mordam com o objetivo de ferir” (Winnicott, 1968a, p. 26). No seu entender, “se admitirmos que o bebê pode machucar, e sente um impulso para isso, teremos de admitir também a existência de uma inibição dos impulsos agressivos, facilitando a proteção do que é amado e está, portanto em perigo” (Winnicott, 1939, p. 97).

É importante notar que, com a noção de agressão primária Winnicott deixa os impulsos agressivos, em sua origem, mais próximos dos impulsos libidinais de Eros², numa época em que agressividade era praticamente sinônimo de destrutividade e pulsão de morte. Como assinala Phillips (1988), a teoria desenvolvida por Klein a partir do conceito freudiano de pulsão de morte, “tinha certeza quanto a destrutividade inata do bebê, a qual ela freqüentemente chamava de maneira simplificada ‘ódio’, o qual era oposto, numa simplicidade alegórica rígida, ao amor” (Phillips, 1988, p.104). A seu ver, é através da elaboração de uma compreensão sobre a temática da agressividade que Winnicott irá se separar, finalmente, de Klein.

3. 2 A ausência de compaixão (*ruthlessness*)³ do bebê

Nos termos de Winnicott, a criança tem um direito natural de usar a mãe, inicialmente, impiedosamente para o reconhecimento e a gratificação que seu desenvolvimento requer.

(Phillips, 1988)

Como teremos oportunidade de observar, “em 1945 o pensamento de Winnicott quanto à agressão alargou-se consideravelmente” (Abram, 2000, p.9). Este ano marca tanto o término da Segunda Guerra Mundial, quanto o fim das Grandes Controvérsias no interior da Sociedade Britânica de Psicanálise, que trouxe consigo a formação dos grupos dos freudianos e dos kleinianos, o que acabou por contribuir para o surgimento do *Middle*

² De fato, com teremos oportunidade de ver um pouco mais adiante, a crítica de Winnicott ao conceito freudiano de pulsão de morte é correlata de uma maneira muito pessoal de conceber o desenvolvimento pulsional. Nesse contexto, o valor desse comentário é muito mais esquemático do que propriamente de precisão teórica.

³ *Ruthlessness* é uma palavra chave na obra de Winnicott que, no entanto, tal como *concern*, *holding* e *timing*, apresenta enormes dificuldades quanto a sua tradução. No dicionário Webster’s (1982) encontramos: *ruthless* (adj.), implacável, sem piedade, cruel, desumano e *ruthlessness* (subst.), crueldade, impiedade, desumanidade. Segundo Bogomoletz (2000), a “idéia básica é a de que é *ruthless* quem não percebe ou não dá importância à dor que provoca” (p.230). Sua sugestão é de que “*ruthless* (adj.) seja traduzido por ‘sem compaixão ou piedade (‘impiedoso’) e *ruthlessness* (subst.), por ‘ausência de piedade ou compaixão’ (p.10). A seu ver, a palavra *crueldade*, freqüentemente utilizada para traduzir o substantivo *ruthlessness*, tem a desvantagem de que “no sentido que normalmente damos a esta palavra em português, ela possui uma conotação hostil, indicando a atitude ou a disposição de fazer o mal” (Bogomoletz, 1990, p.11). Nesse trabalho, acatamos as sugestões de tradução de Bogomoletz, as palavras cruel/crueldade aparecerão apenas quando se tratar de citação de texto que as adote como opção de tradução. Com o intuito de minimizarmos as dúvidas, decidimos manter o termo original em inglês entre parênteses ao lado da tradução utilizada. Para maiores esclarecimentos recomendamos ao leitor a *Nota Introdutória à Tradução em Natureza Humana* in Winnicott, 1988[54]; *Sobre a Tradução* e N.T. à pág. 230, in Winnicott (2000[1958]).

Group, do qual Winnicott veio a tomar parte. Pela primeira vez na história da psicanálise uma divergência teórica não terminava em rompimento, uma “realização característica dos psicanalistas britânicos, alcançada mediante sua notável capacidade de conciliação” (Kohon, 1994, p.35).

Em novembro de 1945, Winnicott apresenta à Sociedade Britânica de Psicanálise o artigo *Desenvolvimento Emocional Primitivo*. Na opinião de Phillips (1988), este trabalho funciona como um verdadeiro “divisor de águas” em sua obra, na medida em que “reúne vinte anos de experiência clínica como psicanalista e pediatra, e fornece um pano de fundo para todas as suas especulações posteriores” (p.76). Para Khan (2000), nele, Winnicott (1945a) tenta explicitar com maiores detalhes, e numa linguagem mais pessoal, o argumento inaugurado por ele, dez anos antes, em *A Defesa Maníaca*, postulando os três processos que constituem os primórdios da realidade interna. São eles: “1- a integração; 2 - personalização; 3 - em seguida a estes, – a apreciação do tempo e do espaço e de outros aspectos da realidade – numa palavra, a realização” (p. 222).

Ao mesmo tempo em que Winnicott (1945a) aposta na existência de um potencial herdado, comprometendo-se com a idéia de processos ‘naturais’ de desenvolvimento, ele chama atenção para a importância dos fatores ambientais, especialmente da mãe, na criação das condições que favoreçam o desabrochar desse potencial. No seu entender, os processos de integração, personalização e realização são colocados em marcha, ajudados pela “experiência instintiva e a repetida e silenciosa experiência de estar sendo cuidado fisicamente” (p. 225).

Depois de se dedicar aos processos de integração e personalização, ele passa a explorar “os primeiros passos no desenvolvimento da relação com a realidade externa, e da fantasia com a realidade externa” (Idem, p. 229), uma “questão de dimensões colossais” (Idem), que alcançamos imediatamente com o fenômeno da integração. Nessa empreitada, ele lança as bases dos argumentos que se tornarão o eixo central da sua teoria sobre agressividade e, encontra-se relacionado com o contato com o princípio de realidade. Àquela época, era uma tendência dominante na teoria analítica localizar a origem da agressividade na reação às inevitáveis frustrações inerentes à entrada do princípio de realidade. Para Winnicott, no entanto, “a agressividade, que é relativa a frustração,

pressupõe um alto grau de amadurecimento, impossível de ser concebido nos momentos iniciais” (Dias, 2000, p. 11).

Assim, ele inaugura o seu ponto de vista observando que, “freqüentemente ouvimos falar das frustrações muitíssimo reais impostas pela realidade externa, mas com muito menos freqüência ouvimos algo sobre o alívio e a satisfação que ela proporciona” (Winnicott, 1945, p. 228). Ele esclarece que, ainda que o leite real seja mais satisfatório que o leite imaginário, “este não é o problema” (Idem).

O problema é que na fantasia as coisas funcionam de um modo mágico: não há freios na fantasia, e o amor e o ódio têm consequências alarmantes. A realidade externa tem freios e pode ser estudada e conhecida, e a verdade é que o impacto total da fantasia pode ser tolerado somente quando a realidade é suficientemente levada em conta (Winnicott, 1945a, p. 228).

Para Winnicott, “o subjetivo é tremendamente valioso, mas é tão alarmante e mágico que não pode ser usufruído, exceto enquanto um paralelo ao objetivo” (Idem). No seu entender, a possibilidade de uma percepção objetiva do mundo, bem como a atitude científica, têm como fundamento o relacionamento primário com a mãe.

É especialmente no início que as mães são vitalmente importantes, e de fato é tarefa da mãe proteger o seu bebê de complicações que ele ainda não pode entender, dando-lhe continuamente aquele pedacinho simplificado do mundo que ele, através dela, passa a conhecer... Toda a falha relacionada à objetividade, em qualquer época, refere-se à falha nesse estágio do desenvolvimento emocional primitivo (Winnicott, 1945a, p. 228).

Paralelamente à importância atribuída à realidade, ele considera que “a fantasia não é algo criado pelo indivíduo a fim de lidar com as frustrações da realidade externa” (Idem). A seu ver, “isto só é verdade em relação ao devaneio” (Idem). O ponto central da sua argumentação repousa no fato de que “a fantasia é mais primária que a realidade, e o enriquecimento da fantasia com riquezas do mundo depende da experiência da ilusão⁴” (Idem). Com Winnicott, a fantasia deixa de ser um substituto da realidade para se transformar no único meio através do qual podemos ter acesso a essa mesma realidade.

Com essas idéias ele apresentava os rudimentos daquilo que viria a ser a sua teoria da dependência. Ele inaugurava, assim, uma perspectiva que reconhecia a

⁴ A temática relativa a experiência da ilusão aparece desenvolvida no capítulo 4 desta tese.

possibilidade de um contato com o princípio de realidade que não fosse traumático (relativo à frustração).

Para que essa ilusão se dê na mente do bebê, um ser humano precisa dar-se ao trabalho permanente de trazer o mundo para ele num formato compreensível e de um modo limitado, adequado às suas necessidades. Por esta razão não é possível a um bebê existir sozinho, física ou psicologicamente, e de fato é preciso que uma pessoa específica cuide dele no início (Winnicott, 1945a, p. 229).

Nesse contexto, Winnicott postula a existência de *self* primitivo impiedoso (*ruhless*), indicando com isso a ausência de compaixão que se manifestaria antes do bebê começar se sentir preocupado ou preocupado (*concerned*) com os resultados das suas experiências instintivas.

É preciso postular a existência de um relacionamento objetal inicial impiedoso (*ruhless*). Novamente, talvez esta seja apenas uma fase teórica, e ninguém consegue ser impiedoso (*ruhless*) depois da fase do *concern*, a não ser em estados dissociados. Mas os estados de ausência de compaixão (*ruhlessness*) dissociada são comuns no início da infância, e emergem em certos tipos de delinquência e de loucura, e precisam estar disponíveis na saúde. A criança normal tem prazer na relação impiedosa (*ruhless*) com a mãe, geralmente em meio a brincadeiras, e ela precisa da mãe porque esta é a única de quem se pode esperar que tolere a sua ausência de compaixão (*ruhlessness*) mesmo por brincadeira, pois isto na verdade a fere e a cansa. Sem a possibilidade de brincar sem compaixão, a criança terá que esconder o seu eu (*self*) impiedoso e dar-lhe vida apenas em estados dissociados (Winnicott, 1945a, p. 230 – os grifos estão no texto estabelecido em português).

Ao invés de conceber, tal como Klein, um sadismo inato, Winnicott (1945a) defende a idéia de um relacionamento objetal inicial impiedoso (*ruhless*), inerente à exploração benigna e ‘natural’ que o bebê faz de sua mãe. A criança normal, nos diz Winnicott, “tem prazer na relação impiedosa (*ruhless*) com a mãe, geralmente em meio a brincadeiras, e ela precisa da mãe porque esta é a única de quem se pode esperar que tolere a sua ausência de compaixão (*ruhlessness*) mesmo por brincadeira, pois isto na verdade a fere e a cansa” (p. 230). Ele postula que um *self* impiedoso (*ruthless*) antecederia um *self* preocupado (*concerned*) ou, mais especificamente, que a capacidade de sentir compaixão é dependente, para o seu desenvolvimento, que tenha sido possível ao *self* impiedoso se expressar.

Na opinião de Phillips (1988), a ausência de compaixão dos impulsos primitivos foi uma das contribuições mais significantes de Winnicott à teoria psicanalítica. A seu ver, trata-se de uma idéia que, sem dúvida, era extremamente perturbadora para ele, na medida

em que uma preocupação (*concern*) precoce com o objeto poderia significar inibição do desenvolvimento.

Um aspecto crucial, exemplar da maneira como a agressividade, no entender de Winnicott, afeta o desenvolvimento emocional do bebê, repousa no modo como esse *self* impiedoso obtém uma resposta da mãe. “Se o bebê é obrigado a ocultar seu *self* cruel por causa de um ambiente incapaz de tolerar a agressão, isso acarretará uma dissociação, - isto é, uma não-integração, um desconhecimento e uma divisão” (Abram, 2000, p.10). Segundo Abram, é esta dissociação que Winnicott irá explorar em 1947, em um de seus mais importantes trabalhos, *Hate in the Countertransference*.

O trabalho realizado por Winnicott com psicóticos adultos, bem como sua experiência na remoção de crianças durante a guerra, reforçaram a sua impressão de que seria a provisão ambiental e não exclusivamente a constituição humana, tal como era concebida pela psicanálise, até então, que conduziria a psicopatologia.

Abram (2000) observa que Winnicott irá se referir, posteriormente, a esse período como ‘pré-remorso’ ou ‘pré-preocupação’ (*concern*), ou seja, anterior a fase por ele descrita como do *concern*. “Em outras palavras, o bebê não possui qualquer consciência de sua crueldade. Apenas ao entender que é capaz, é que, então, se volta e diz ‘Eu fui cruel’” (p.10).

3.2.1 O ódio da mãe pelo seu bebê

*Quando te vi
Logo percebi
Que eu estava pra sempre ligado a você*

*Senti tal agonia,
Tanta antipatia
Tamanho cretino é você*

*Sei que estou errado,
Ninguém é tão culpado
Mas todos precisam de alguém para amar*

*Com ódio é igual,
E equilibra legal
Ter alguém para sempre odiar*

Um ódio tão puro,

*Um desprezo tão duro,
Nojo tão profundo me faz renascer
Meu antipodal, meu maior baixo astral
Pesadelo pra mim é você
(Aroeira)*

Em 1947, a partir de sua experiência clínica com pacientes psicóticos e anti-sociais, Winnicott empreende uma ampla reflexão sobre a incidência clínica do ódio que resulta em um artigo que se tornaria um de seus mais conhecidos trabalhos, emblemático do seu pensamento a esse respeito, *O Ódio na Contratransferência*. Vale notar que a tese a respeito do ódio, e tudo aquilo que brota dela neste texto, permanece a mesma na totalidade da obra de Winnicott.

Reconhecendo a complexidade do problema do ódio e suas raízes, Winnicott (1947a) se propõe a abordá-lo a partir de um determinado ponto: a tensão emocional a que está submetido o analista ao lidar com os pacientes psicóticos e anti-sociais, avaliando sobremaneira os sentimentos hostis que surgem na contratransferência⁵, ou seja, no analista. Dando continuidade aos debates travados com Klein, ele sugere a importância clínica de se efetuar a distinção entre a agressividade primária, inerente aos impulsos do amor primário, e a “coincidência de amor e ódio [que] é algo que sempre aparece caracteristicamente na análise de psicóticos” (p.279). Para ele,

Essa coincidência de amor e ódio à qual me refiro é algo distinto da agressividade que complica o impulso do amor primitivo, e implica em que na história desse paciente ocorreu um fracasso do ambiente à época dos primeiros impulsos instintivos em busca do objeto (Winnicott, 1947a, p.279).

Winnicott se refere à ‘coincidência de amor e ódio’ para designar o fenômeno do amor-ódio simultâneos, índice da incapacidade do paciente psicótico de estabelecer uma distinção entre ambos. “O paciente terá a profunda convicção de que o analista só é capaz de relacionar-se com ele a partir desse mesmo fenômeno brutal e perigoso... dando margem a problemas de manejo que podem facilmente exigir do analista mais do que ele pode dar” (Idem). Como assinala Abram (2000), para Winnicott, a capacidade de odiar está

⁵ Abram (2000) observa que, em 1947, o termo *contratransferência*, conceitualmente, não era visto pela teoria psicanalítica senão como um problema para o psicanalista. A autora observa que os principais textos seminais sobre essa temática surgiram apenas a partir de 1949. A seu ver, trata-se de um termo que Winnicott utiliza em raros momentos da sua obra, ainda que possamos relacionar a totalidade de sua contribuição sobre a técnica analítica ao que hoje é entendido como sendo contratransferência – um instrumento de pesquisa do inconsciente do paciente (Heimann, 1950). É digno de nota que, neste artigo, o uso que Winnicott faz dessa noção não se distingue daquele que é feito pela maior parte dos psicanalistas em 1947.

relacionada a possibilidade de compreensão do ódio como algo distinto do amor, uma conquista, indicativa que uma determinada fase do desenvolvimento foi alcançada.

Diferentemente de Klein, para quem o ódio, o sadismo e a inveja eram manifestações dos impulsos da pulsão de morte e, portanto, constitucionais, Winnicott sustenta que o ódio é uma emoção dependente de intenção, ou seja, dependente dos processos de integração - um bebê imaturo ainda não dispõe de intenção consciente. Winnicott lança mão do texto de 1915, *A Pulsão e suas Vicissitudes* - no qual, a seu ver, Freud apresenta idéias originais e esclarecedoras sobre o ódio -, a fim de corroborar as suas razões de acreditar que o conceito ódio constitucional é insustentável:

Somos capazes de dizer sem pensar muito que o instinto ‘ama’ o objeto pelo qual anseia para fins de satisfação, mas se dissermos que o instinto ‘odeia’ um objeto isto nos soará muito estranho, e assim percebermos que as atitudes de amor e ódio não podem caracterizar o relacionamento do instinto com o objeto, mas devem ficar restritas ao relacionamento do ego como um todo com os seus objetos (Freud, apud, Winnicott, 1947a, p. 285).

Acredito que esta é uma afirmação verdadeira e importante. Significaria isto que a personalidade deveria estar integrada antes que possamos dizer que o bebê odeia? Tão cedo quanto possa ocorrer a integração – e talvez ela aconteça antes num auge de excitação ou raiva – há um estágio teoricamente anterior no qual o que quer que o bebê faça que seja capaz de machucar não é feito a partir do ódio. Utilizei a expressão amor impiedoso (*ruthless love*) para descrever esse estágio. Seria isto aceitável? À medida que o bebê torna-se capaz de se sentir uma pessoa inteira, o termo ‘ódio’ passa a ter sentido para descrever um certo conjunto de seus sentimentos (Winnicott, 1947a, p. 285).

Para Winnicott, uma pessoa inteira (total) “é o indivíduo que conseguiu alcançar o ‘status unificado’ e capaz de distinguir entre ‘eu’ e ‘não-eu’, dentro e fora” (Abram, 2000, p.11), algo, portanto, que está relacionado a uma fase relativamente avançada do desenvolvimento infantil. Em sua teoria do desenvolvimento, ele sustenta que de início, na fase de dependência absoluta, a agressividade do bebê surge para ser necessariamente impiedosa (*ruthlessness*). Nesse contexto, o ódio é uma emoção complexa que só aparece depois de um longo caminho já haver sido percorrido em termos de desenvolvimento.

Por outro lado, de modo surpreendente, Winnicott (1947a) irá afirmar que “a mãe, no entanto, odeia o seu bebê desde o início” (p. 285). Ele fornece uma lista⁶ de dezoito razões para que a mãe odeie o seu bebê. Todas são conseqüências do uso impiedoso

⁶ A lista completa encontra-se em Winnicott, 1947a, p.285-6.

(*ruthless*) que o bebê faz de sua mãe, em proveito de seu próprio desenvolvimento. Contudo, é importante que a mãe seja capaz de tolerar o sentimento de ódio contra o bebê sem fazer nada a esse respeito. “O ponto mais interessante a respeito da mãe é a sua capacidade de ser tão agredida e sentir tanto ódio por seu bebê sem vingar-se dele, e sua aptidão para esperar por recompensas que podem vir ou não muito mais tarde” (Idem, p. 286).

Ele chama atenção para a ajuda que a mãe recebe “das canções de ninar que ela canta e que felizmente o bebê não pode compreender” (Idem). Em nossa cultura, esse tipo de cantiga⁷ é igualmente comum. Quem não se lembra desses versos? *Boi, boi, boi da cara preta, pega essa criança, que tem medo de careta; nana neném que a cuca vem pegar*; etc. O auxílio dessas canções advém do fato de a mãe poder expressar simbolicamente o seu ódio, por meio de versos que seu bebê não pode compreender. O ritmo o embala como que o protegendo desse ódio, que aparece denotativo na música, mas conotado na melodia e no tom da voz materna. A ambivalência é, dessa forma, um dado da experiência. Desse modo, o bebê experimenta, juntamente com o amor que a mãe lhe devota, um ódio que não é negado, que pode ser vivenciado de maneira não-intrusiva, adaptado pela mãe às suas possibilidades.

É importante notar que, nesse momento, uma atitude sentimental por parte da mãe pode ser muito prejudicial ao seu bebê: o sentimentalismo implica sempre na existência de um ódio que é negado. As canções de ninar não são sentimentais. Winnicott (1947a) acreditava não ser possível a uma criança tolerar toda extensão de seu ódio se ela se desenvolver em um ambiente sentimental. A criança, nos diz ele, “precisa de ódio para poder odiar” (p. 287).

A contrapartida clínica é que, “se isto é verdade, não podemos esperar que um paciente psicótico em análise consiga tolerar o seu ódio pelo analista a não ser que o analista possa odiá-lo” (Idem). Winnicott estabelece um paralelo entre o ódio que a mãe sente pelo seu bebê recém-nascido e o ódio que o analista sente, em determinados momentos, na análise de pacientes psicóticos, anti-sociais ou regredidos. Para ele, a relação mãe-bebê é o modelo primordial da situação analítica e a fonte para todas as analogias do

⁷ No original: *Rockabye baby, on the tree top/ When the Wind blows the cradle will rock,/When the bough breaks the cradle will fall,/ Down will come baby, cradle and all.* Nana neném no galho lá em cima,/ Se o vento sopra o berço se inclina,/ Se o galho se parte o berço despenca,/ O bebê cai no chão e o berço arrebenta.

seu trabalho. A partir de 1950, a importância da mãe ser capaz de tolerar o próprio ódio com relação ao seu bebê, sem fazer nada a esse respeito será, cada vez mais, enfatizada. Ela será formulada, então, como a necessidade de o objeto (mãe) sobreviver aos ataques impiedosos (*ruthless*) do seu bebê, sem retaliação.

Para Winnicott (1947a) a questão do ódio, em algum momento, torna-se um aspecto central na condução de um tratamento. Com o conceito de *ódio objetivo e legítimo* ele insiste na importância clínica do analista efetuar a diferenciação entre o plano das idéias e o da experiência, entre intenção e possibilidade. No seu entender, “uma das tarefas mais importantes na análise de qualquer paciente é a de manter a objetividade em relação a tudo aquilo que o paciente traz” (p.279). Um caso especial desse tema é:

a necessidade de o analista ser capaz de odiar o paciente objetivamente. Acima de tudo ele não deve negar o ódio que realmente existe dentro de si. O ódio que é *legítimo* nesse contexto deve ser percebido claramente, e mantido num lugar à parte para ser utilizado numa futura interpretação (Winnicott, 1947a, p.279).

A consequência clínica de uma tal concepção é que, como ele postula, “em certos estágios de certas análises o ódio do analista é na verdade buscado pelo paciente, e nesses momentos é necessário expressar um ódio que seja objetivo” (Idem). Ele observa que, “quando o paciente está à procura de um ódio legítimo, objetivo, ele deve ter a possibilidade de encontrá-lo, caso contrário não se sentirá capaz de alcançar o amor objetivo. (Idem, p.283). No seu entender, “é preciso distinguir esse fenômeno do ódio que só se justifica num outro contexto, mas que é deflagrado por algum ato de um paciente. (Idem, p.284). Como ele mesmo afirma, “Se tudo isto for aceito, fica para ser discutida a questão de como interpretar o ódio do analista pelo paciente” (Idem). Uma questão que, em algum momento, torna-se crucial para o desenlace de uma análise e, no entanto, envolve sempre um certo risco:

Trata-se de um problema que implica perigo, exigindo o mais cuidadoso *timing* possível. Creio, porém, que uma análise permanecerá incompleta, enquanto mesmo em sua última fase não seja possível ao analista contar ao paciente o que ele, analista, fez sem que o paciente soubesse, por estar tão doente nas fases iniciais. Enquanto esta interpretação não for feita, o paciente permanecerá de algum modo na condição de criança – incapaz de entender o que ele deve à sua mãe (Winnicott, 1947a, p.287).

Winnicott localiza na temática do ódio a dívida que temos com relação às nossas mães. Devemos a elas o fato de terem sobrevivido: de terem nos amado, mesmo nos

odiando em nossa ‘inocente’ fúria implacável. Experiência inaugural de importância vital para a aceitação plena do potencial de nossa natureza humana. Facilmente concordamos com a assertiva do poeta de que todos “precisam de alguém para amar”. O mais difícil é percebermos que “com ódio é igual/ e equilibra legal/ ter alguém para sempre odiar” (Aroeira). Sabemos que Winnicott reservou o termo ódio para descrever um sentimento complexo relativo a uma etapa avançada do desenvolvimento emocional. Ainda assim, ele não deixou de reconhecer as emoções extremamente fortes que perpassam a relação primordial mãe-bebê, que são totalmente dependentes dos cuidados maternos quanto às possibilidades dos seus destinos.

3. 3 Agressividade e desenvolvimento emocional

*O maior apetite do homem é
desejar ser. Se os olhos vêem
com amor o que não é, tem ser
(Pe. Antônio Vieira)*

Em 1951, Winnicott publicou *Objetos Transicionais e Fenômenos Transicionais*. Dentre as suas contribuições, talvez tenha sido esta a de maior repercussão. Na opinião de Phillips (1988), durante a década de 50 Winnicott tentou explicitar de forma mais detalhada e coerente os processos por meio dos quais o bebê realiza a transição entre a condição inicial de estar fundido com a mãe e a experiência posterior de estar separado dela. Qual é o papel da mãe nesses processos? Quais os meios que a criança lança mão, com o intuito de restaurar a continuidade da sua vida, se o meio-ambiente falhar em relação a ele? Por trás do interesse de Winnicott por essas questões havia a preocupação, que viria a ser título de um outro artigo seminal, *A Agressividade em Relação ao Desenvolvimento Emocional*. Na realidade, um conjunto de três artigos escritos entre 1950 e 1955 que, posteriormente, foram reunidos para fins de publicação sob essa rubrica. Para Abram (2000), nesse artigo, encontramos exposto, de forma definitiva, o pensamento de Winnicott a respeito do papel da agressão.

Winnicott reafirma, nesse momento, os pressupostos que norteiam sua reflexão sobre a questão da agressividade, ratificando, de forma contundente, a idéia que havia introduzido em 1939, de que “a energia instintiva recalcada constitui um perigo potencial

para o indivíduo e para a comunidade” (Winnicott, 1939, p.94). Em 1950, a idéia central que está por trás deste estudo da agressividade “é a de que, se a sociedade encontra-se em perigo, não é por causa da agressividade do homem, mas em consequência da repressão da agressividade pessoal nos indivíduos” (Winnicott, 1950-55, p. 288).

Nessa oportunidade, ele nos alerta quanto às enormes dificuldades que são inerentes ao estudo da agressividade:

Numa psicologia total, ser roubado é o mesmo que roubar, e é tão agressivo quanto... E o mais difícil de tudo isso, possuir é tão agressivo quanto apoderar-se vorazmente... Estas são considerações dolorosas, pois dirigem a nossa atenção para certas dissociações ocultas, dentro do que é socialmente aceito na atualidade (Winnicott, 1950-55, p.288).

Como já mencionamos, no capítulo 2, em 1929, o próprio Freud já havia nos advertido nesse sentido, ao se referir às enormes resistências – internas e externas – que teve de enfrentar antes de poder afirmar a existência de uma pulsão de morte ou de destruição. Algo que, de certo modo, veio a acontecer apenas tardiamente em sua obra.

A afirmação da existência de um instinto de morte ou de destruição deparou-se com resistências, inclusive em círculos analíticos... Para mim, elas são muito mais úteis, de um ponto de vista teórico do que quaisquer outras possíveis... Recordo minha própria atitude defensiva quando a idéia de um instinto de destruição surgiu pela primeira vez na literatura psicanalítica, e quanto tempo levou até que eu me tornasse receptivo a ela. Que outros tenham demonstrado, e ainda demonstrem, a mesma atitude de rejeição, surpreende-me menos, pois ‘as criancinhas não gostam’ quando se fala na inata inclinação humana para a ‘ruindade’, a agressividade e a destrutividade, e também para a crueldade (Freud, 1930[29], p 142).

Freud atribuiu a uma atitude, ao mesmo tempo, ‘infantil’- ‘as criancinhas’- e defensiva, nossa relutância em reconhecer a existência de motivações ‘escusas’ em nosso proceder – a agressividade e a crueldade inerentes a todo ser humano. De certo modo, cada um a seu modo, nos coloca diante do mesmo problema: a dificuldade intrínseca à assunção da responsabilidade por nossa agressividade. Como diz o dito popular, ‘filho feio não tem pai’. Como admitir, por exemplo, a paternidade por essa agressividade ‘inocente’, inerente ao possuir-nosso-de-cada-dia? – “possuir é tão agressivo quanto apoderar-se vorazmente” (Winnicott, 1950-55, p.288). E, aqui, não estamos nos referindo a consumos desenfreados. A agressividade alheia, sem dúvida, é muito mais fácil de ser reconhecida: ela nos atinge, sentimos na carne.

Na década de 50, Winnicott irá propor a noção de dissociação como principal ferramenta teórica na abordagem desse problema. Em 1945, ele havia postulado uma não-integração primária como condição inaugural da vida psíquica, afirmando que “num início teórico a personalidade não está integrada” (Winnicott, 1945a, p.223), sugerindo que a questão da dissociação fosse entendida como uma decorrência dessa condição inicial do psiquismo. Segundo ele:

o problema da não-integração acarreta outro, o da dissociação... Proponho que a partir da não-integração surja uma série de dissociações, devidas ao fato de a integração não se dar completamente, permanecendo parcial (Winnicott, 1945a, p.226).

Para Khan (2000), Winnicott utiliza-se, neste momento, do conceito de dissociação que havia sido introduzido por Glover, inaugurando uma linha de pesquisa que o levaria “a redigir a sua declaração definitiva sobre a dissociação na realidade interna no artigo *Distorções do Ego em Termos de Verdadeiro e Falso Eu (Self)*” (p.15). Um artigo cuja leitura é indispensável para a compreensão do trabalho clínico realizado por Winnicott, na medida em que “constitui uma revolucionária mudança de ênfase em relação à teoria e à prática daquela época” (Idem).

Como já mencionamos, em 1935, Winnicott havia afirmado a diferenciação necessária entre o plano das idéias e o da experiência. Essa questão é retomada, em 1947, com a noção de ódio objetivo. Ao propor, em 1950, que “a base para o estudo da agressividade real deve ser o estudo das raízes da intenção agressiva” (Winnicott, 1950-55, p.288), ele reafirma, mais uma vez, os pilares do seu ponto de vista. No seu entender, “todas as experiências são tanto físicas quanto não-físicas. As idéias acompanham e enriquecem as funções corporais, e estas acompanham e *realizam*⁸ a ideação” (Idem, p.289 – o grifo é do autor).

Partindo desses pressupostos, Winnicott conclui que, em suas origens, a agressividade é uma função parcial, praticamente sinônimo de atividade:

Antes da integração da personalidade, já lá está a agressividade. O bebê dá pontapés dentro do útero: não se pode dizer que ele esteja abrindo o caminho para fora a pontapés. Um bebê de poucas semanas agita os braços: não se pode dizer que ele esteja querendo golpear. O bebê mastiga os mamilos com suas gengivas: não se pode dizer que ele esteja pretendendo destruir ou machucar (Winnicott, 1950-55, p.289).

⁸ Nota do autor: “de acordo com a expressão de Sechehaye, realização simbólica” (Winnicott, 1950-55, p.289).

O aparecimento da intenção agressiva, ele esclarece, encontra-se intimamente relacionado ao funcionamento dos processos de integração e personalização:

São essas funções parciais que aos poucos organizam-se na criança à medida que esta se torna uma pessoa, transformando-se em agressividade. Na doença o paciente apresenta atividades e agressividade não inteiramente intencionais. A integração da personalidade não é alcançada num determinado dia ou numa determinada época. Ela vem e vai, e mesmo quando alcançada em alto grau pode ser perdida devido a uma situação ambiental adversa. Ainda assim, o comportamento intencional surge em algum momento, quando há saúde. Na medida em que um comportamento é proposital, a agressividade é intencional. Surge aqui imediatamente a fonte da agressividade – a experiência instintiva. A agressividade faz parte da expressão primitiva de amor (Winnicott, 1950-55, p.289).

Em suma, Winnicott propõe que as manifestações agressivas sejam avaliadas como um fenômeno de natureza complexa que exige dos profissionais que dele se ocupam, antes de qualquer coisa, “manter a objetividade em relação a tudo o que o paciente traz” (Winnicott, 1947a, p.279). No seu entender, o estudo da ‘agressividade real’ e objetiva - que se manifesta no plano da experiência e difere daquela que se efetiva no nível das idéias e da fantasia – deve ser contemplado com uma perspectiva genética que leve em conta o grau de desenvolvimento emocional do indivíduo, possibilitando, assim, uma melhor investigação acerca das raízes da intenção agressiva.

3.3.1 A agressividade e os estágios de desenvolvimento do ego

Em 1950, Winnicott propõe que um estudo sobre agressividade leve em conta os estágios de desenvolvimento do ego, os quais, ele divide em número de três, de acordo com a relação do indivíduo com os efeitos da experiência instintual:

Inicial	pré-integração propósito sem piedade (<i>ruthlessness</i>)
Intermediária	Integração propósito com piedade/culpa (<i>concern</i>)
Personalidade total	Relações interpessoais Situações triangulares etc

Conflitos, conscientes e inconscientes
(Winnicott, 1950-55, p.290).

Um estágio inicial, anterior à integração, no qual a agressividade teria um propósito impiedoso (*ruthlessness*); um estágio intermediário, no qual a integração da personalidade já é um fato, acarretando o surgimento do concernimento (*concern*) e do sentimento de culpa. O terceiro e último estágio seria aquele que, a seu ver, teria sido abordado pela teoria freudiana. Ele abarcaria as relações interpessoais, as situações triangulares, os conflitos, conscientes e inconscientes vivenciados pelo que ele designa como personalidade total⁹.

Como observa Abram (2000), nessa empreitada, “Winnicott é muito explícito sobre o seu desejo de retomar a expressão cunhada por Melanie Klein, ‘posição depressiva’” (p.12), enquanto elabora suas idéias sobre o destino da agressividade. Na opinião de Phillips (1988), Winnicott tenta “substituir o vocabulário de Klein – o qual, a seu ver, havia patologizado o desenvolvimento comum – por uma história natural do papel da agressão no desenvolvimento emocional” (p.105). De fato, ele não cansa de enfatizar que considera a posição depressiva como uma conquista do desenvolvimento normal e que, é “necessário examinar a agressividade para além da reação agressiva que inevitavelmente acompanha o impulso do Id, devida ao fracasso da experiência do Id decorrente do princípio de realidade” (Winnicott, 1950-55, p.296).

Ou seja, Winnicott (1950-55) discorda da tendência, comum no meio psicanalítico da sua época, que busca vincular as manifestações agressivas à entrada no princípio de realidade – portanto, um fenômeno reativo - e, principalmente à raiva devida à frustração. A seu ver, ainda que se possa dizer que “no impulso do amor primitivo encontraremos sempre uma reação agressiva, pois na prática não existe satisfação total do Id” (p.295), é preciso ter em mente que “o impulso do amor primitivo opera num estágio em que o ego está apenas começando a desenvolver-se, quando a integração ainda não é um fato estabelecido” (Idem, p.296), o que torna inadequada a referência a uma intenção agressiva. Para ele, as raízes da agressividade devem ser investigadas como um fenômeno independente das reações de raiva oriundas da frustração. Como ele mesmo afirma, sua

⁹ “Uma pessoa total, segundo Winnicott, é o indivíduo que conseguiu alcançar um ‘status unificado’ e capaz de distinguir entre ‘eu’ e ‘não-eu’, dentro e fora” (Abram, 2000, p.11).

intenção “é a de examinar a pré-história do elemento agressivo (destrutivo apenas por acaso) nas experiências iniciais do Id. Os impulsos do amor primitivo (Id) têm um aspecto destrutivo, embora não haja na criança a intenção de destruir” (Idem, p.296).

3. 3.1.1 O estágio do pré-concernimento¹⁰ (*pre-concern*)

Em 1950, Winnicott retorna à questão da ausência de compaixão (*ruthlessness*) do bebê, no contexto da sua teoria do desenvolvimento emocional, trazendo à luz a temática do concernimento (*concern*): ele postula a existência de um estágio teórico no qual o concernimento estaria ausente. Nesse momento, ele afirma que a criança:

Existe como uma pessoa e tem propósitos, mas não tem ainda concernimento quanto aos resultados. Ela ainda não considera importante o fato de que o ela destrói quando excitada é a mesma coisa que ela valoriza nos calmos intervalos entre as excitações. Seu amor excitado inclui um ataque imaginário ao corpo da mãe. Aqui vemos a agressividade como fazendo parte do amor (Winnicott, 1950-55, p.290-1).

Abram (2000) chama a atenção para um ponto de evolução no pensamento winnicottiano, extremamente importante de ser associado à essa passagem: enquanto no texto de 1945 ele se refere a um relacionamento objetal inicial impiedoso, em 1952, com *Ansiedade Associada à Insegurança*, ele se mostra preparado para postular, de forma categórica, um tempo anterior à relação de objeto, um tempo, no qual a mãe e o bebê encontram-se fundidos. Daí a sua afirmação:

Isso que chamam de bebê não existe... Antes das relações de objeto as coisas são assim: a unidade não é o indivíduo, a unidade é o contexto ambiente-indivíduo. O centro de gravidade do ser não surge no indivíduo. Ele se encontra na situação global. Através do cuidado suficientemente bom, através das técnicas, da sustentação e do manejo geral, a casca passa a ser gradualmente conquistada, e o cerne (que até então nos dava a impressão de ser um bebê humano) pode começar a tornar-se um indivíduo (Winnicott, 1952b, p.166 – o grifo é do autor).

A ausência de compaixão (*ruthlessness*) do bebê, desde então, pertence a esse tempo, uma etapa de dependência absoluta, na qual mãe e bebê encontram-se fundidos. Nessa condição, o bebê “não é capaz de reconhecer sua dependência em relação à sua mãe e nem seu amor cruel (*ruthless*) por ela” (Abram, 2000, p.10). Ou seja, a partir da década de

¹⁰ O termo *concern* não dispõe de tradução padronizada em nosso idioma. Elsa O. Dias e Zeljko Loparic, pensadores winnicottianos da atualidade, sugerem concernimento, em referência à concernir, dizer respeito, ter relação, referir-se. Encontramos ainda como alternativa, preocupação e, menos freqüente, envolvimento.

50, torna-se evidente para Winnicott a impossibilidade de se pensar as questões relativas ao desenvolvimento infantil sem levar em conta o seu entorno. É inegável a importância decisiva do meio-ambiente quanto ao destino e ao sentido que os impulsos agressivos adquirem ao longo do desenvolvimento.

Na opinião de Phillips (1988), a partir do trabalho realizado com as crianças removidas durante a guerra, e os pacientes psicóticos, ficou cada vez mais difícil, para Winnicott, ignorar a pressão exercida pela realidade externa. As contribuições que ele fez, nos anos que se seguiram a esse período, atestam um processo de elaboração teórica que o conduziu a uma tolerância, cada vez maior, com relação à idéia de que “o relacionamento inicial impiedoso (*ruhless*) com a mãe era essencial ao desenvolvimento” (p.87). Torna-se evidente para Winnicott a importância, para a criança em desenvolvimento, que ela possa se encolerizar “com frequência numa idade em que não precisa sentir remorso” (Winnicott, 1939, p. 97).

Nos principais trabalhos, escritos no final da década de 1940, Winnicott tenta descrever “a conexão vital entre a ausência de compaixão (*ruhlessness*) primitiva do bebê e a continuidade dos cuidados dos quais seu desenvolvimento depende” (Phillips, 1988, p. 87). Ao final, ele acaba por concluir que é a capacidade da mãe de se adaptar ao seu bebê, incluindo aí a sua sobrevivência a essa ausência de compaixão, que facilitaria ou sabotaria essa conexão.

Para Winnicott, o bebê que se encontra fundido à sua mãe é incapaz de discernir entre um ‘eu’ e um ‘não-eu’, entre dentro e fora, não tendo, portanto, nenhum tipo de preocupação ou responsabilidade com respeito aos resultados de seu amor impiedoso. Por outro lado, ele é sensível ao fato de que o bebê, desde os tempos mais remotos, experimenta dois tipos de relacionamentos com a mãe: um calmo e outro excitado¹¹. Esse estado de coisas resulta numa dissociação primária da personalidade¹² – entre os estados calmos e excitados – que, para Winnicott, seria “a dissociação fundamental da personalidade” (Phillips 1988, p. 82). Como observa Phillips (1988), na medida em que, por um lado,

¹¹ Como observa Souza (2001), talvez tenha sido Balint um dos primeiros a efetuar uma crítica à ênfase concedida à voracidade pulsional, chamando a atenção para a importância, no início da vida psíquica, dos acontecimentos que se desenrolavam na quietude. Além de Winnicott, muitos ingleses do chamado Grupo dos Independentes partilhavam dessas idéias.

¹² Como veremos adiante, a temática relativa à dissociação primária da personalidade será, posteriormente, abordada por Winnicott em termos da distinção entre a mãe-ambiente e a mãe-objeto.

somente depois da integração o bebê começa ter um *self* e, por outro, “integração significa literalmente a combinação de partes” (Idem), podemos concluir que, para Winnicott, “é a dissociação – não o recalçamento ou a divisão (*splitting*), ambos os quais implicam num ego para fazer o trabalho – que obstrui o desenvolvimento posterior” (Idem).

3.3.1.2 O estágio do concernimento ou preocupação (*concern*)

Winnicott postula a existência de um estágio do concernimento ou preocupação (*concern*), numa referência explícita à fase descrita por Klein como ‘posição depressiva’ no desenvolvimento emocional. Para ele, era a capacidade para se preocupar e se sentir culpado que, mais do que a depressão, caracterizava a conquista, pelo bebê, desse estágio do desenvolvimento, o qual, em seu artigo *A Agressividade em Relação ao Desenvolvimento Emocional* ele descreve nos seguintes termos:

A integração do ego já alcançou um grau em que o indivíduo pode perceber a personalidade da figura materna, e isto é tremendamente importante, pois tem como consequência o sentimento de concernimento quanto aos resultados de suas experiências instintivas, tanto físicas quanto ideativas.

O estágio do concernimento traz consigo a capacidade de sentir culpa. Isto leva à transformação de uma parte da agressividade em fenômenos clínicos, tais como o sofrimento ou o sentimento de culpa, ou um equivalente físico como o vômito. A culpa refere-se ao dano que a criança imagina haver causado à pessoa amada nos momentos do relacionamento excitado. Na saúde é possível a criança dar conta da culpa, e com ajuda de uma mãe viva e atenta (que incorpora um fator temporal) torna-se capaz de descobrir um anseio pessoal por dar e construir e reparar. Assim, uma boa parte da agressividade transforma-se em funções sociais, e é desta forma que ela se manifesta. Ao sentir-se abandonada (quando não há quem aceite uma oferenda ou reconheça uma tentativa de reparação), essa transformação quebra e a agressividade reaparece. *A atividade social não pode ser satisfatória* a não ser quando se baseia num sentido de culpa pessoal a respeito da agressividade (Winnicott, 1950-55, p.291 – o grifo é do autor).

Para Winnicott, a chegada do bebê ao estágio do concernimento representa um marco importante do desenvolvimento emocional, comparável ao complexo de Édipo no desenvolvimento das crianças. No seu entender, com o conceito de posição depressiva, Klein havia desenvolvido “a idéia do conflito em um relacionamento simples a duas pessoas, do lactente com a mãe, conflito originado das idéias destrutivas que acompanham

o impulso amoroso¹³” (Winnicott, 1958a, p. 25). Ainda que reconhecesse o imenso valor da contribuição de Klein para o seu trabalho clínico, certos pontos de discordância eram, no entanto, cruciais para ele. Antes de tudo, considerava ‘posição depressiva’ um nome pouco apropriado. No seu entender, “estar deprimido é uma conquista e implica alto grau de integração pessoal e uma aceitação da responsabilidade por toda destrutividade que está ligada a viver a vida instintiva e à raiva à frustração” (Winnicott, 1962c, p.160).

Em 1954, com o artigo *A Posição Depressiva no Desenvolvimento Emocional Normal*, Winnicott tem por objetivo apresentar o conceito de Klein, de um modo pessoal. Sua intenção é enfatizar a posição depressiva enquanto uma conquista no desenvolvimento normal. No seu entender, Klein não havia dado destaque suficiente ao papel desempenhado pela mãe nesse processo: “o bebê ou a criança pequena chega a posição depressiva sendo sustentada pela mãe, porém, mais que isso, sendo sustentada ao longo de uma fase de sua vida” (Winnicott, 1954-55, p.356).

Winnicott (1954-55) tem em mente um fenômeno complexo, um elemento inerente no processo da passagem de cada indivíduo humano do estágio do pré-concernimento ao concernimento. Segundo ele, “a técnica da maternagem permite que o amor e o ódio coexistentes no bebê se distingam um do outro, e que em seguida venham a se inter-relacionar e tornem-se gradualmente controláveis a partir de dentro” (p. 356). Encontramos aqui a origem da ambivalência, ou seja, “o bebê se tornou capaz de combinar a experiência erótica com a agressiva e relativa a um único objeto” (Winnicott, 1963a, p. 72). Contudo, ele observa, tratar-se de algo que não se dá de uma vez por todas, mas sim, que “ocorre gradualmente, sob certas condições de maternagem, durante o período entre os cinco e os doze meses de idade, e pode não se completar até um momento muitíssimo posterior, sendo possível descobrir-se em análise que isto nunca ocorreu” (Winnicott, 1954-55, p. 360).

Assim, além de estabelecer o estágio do *concern* como um período de transição que pode ser, extremamente variável, em sua duração, Winnicott acreditava na existência de algumas precondições para a sua aquisição: “os estágios anteriores devem ter sido atravessados sem demasiados problemas, na vida ou na análise, ou em ambas, [...] o bebê

¹³ Segundo Winnicott, nesse momento “a criança ainda não progrediu o bastante para fazer uso de um pai interventor... o bebê saudável vive [nesse momento] independente do pai, que por sua vez é absolutamente necessário para proteger a mãe” (Winnicott, 1988[54], p. 90).

deve ter conseguido estabelecer-se como pessoa inteira” (Idem, p. 357). Em outras palavras, é preciso que o sentimento de ser uma unidade seja um fato para o bebê, o que permite que se possa presumir que ele esteja vivendo dentro de seu próprio corpo.

Winnicott (54-55) é enfático em afirmar que, “o desenvolvimento posterior à obtenção do *status* de unidade depende, [...] da simplicidade estável e confiável do ambiente” (Idem, p. 360 – o grifo é do autor). A seu ver, é necessário que o bebê possa contar com a colaboração atenta e sensível da mãe, a qual, seja capaz de sustentar uma dada situação por um certo período de tempo. Na sua opinião, Klein, em sua abordagem, não havia enfatizado suficientemente o papel decisivo da mãe para a conquista, pelo bebê, desse importante estágio do desenvolvimento – uma mãe viva e atenta, capaz de incorporar o fator temporal. A mãe, ao sustentar uma situação, por um certo período de tempo, dá ao bebê a oportunidade de elaborar as conseqüências de suas experiências instintivas. Por sua vez, essa sustentação precisa ser re-experimentada inúmeras vezes em um período, considerado por Winnicott, como um período crítico na vida do bebê.

O que ele designa por “período crítico” constitui-se na realidade como um tempo de passagem e de transformação. Um intervalo temporal de duração variável, durante o qual irão se efetivar, de modo gradativo, mudanças importantes na vida do bebê, as quais culminarão com a progressão da ausência de compaixão (*ruthlessness*) inicial para a preocupação (*concern*) quanto aos resultados de suas experiências instintivas. Segundo Winnicott, trata-se de um progresso que pode ser descrito nos seguintes termos:

Surge a idéia de uma membrana limitadora, e daí segue-se a idéia de um interior e um exterior. Em seguida desenvolve-se a idéia de um EU* e de um não-EU [*No original, ME e not-ME (N. do t.)]. Existem agora conteúdos do EU que dependem em parte de experiências instintivas. Desenvolve-se a possibilidade de um sentimento de responsabilidade pela experiência instintiva e pelos conteúdos do EU, e um sentimento de independência em relação ao que está fora. Surge um sentido para o termo ‘relacionamento’, indicando algo que ocorre entre pessoas, o EU e os objetos. A conseqüência é o reconhecimento de que há algo equivalente ao EU na mãe, o que implica em senti-la como uma pessoa; o seio é então visto como parte de uma pessoa (Winnicott, 1988[54], p. 88).

Em função da integração, as experiências instintivas começam a ser experimentadas pelo bebê como intenções pessoais. Contudo, ainda não há, para ele, uma clara distinção entre as suas intenções e o que de fato existe. Desse modo, “o ‘ataque’ impiedoso ao objeto, deflagrado pelo instinto, cede lugar a um crescente reconhecimento da

mãe como a pessoa que cuida do Eu, ao mesmo tempo que é a pessoa que oferece uma parte de si para ser comida” (Winnicott, 1988[54], p. 89 – o grifo é do autor), tornando cada vez mais evidente a distinção entre os estados tranqüilo e excitado. Chega o momento em que o bebê começa a se dar conta da existência de dois usos inteiramente diferentes da mesma mãe: ela tanto é fonte de alimento quanto de conforto. É difícil para o bebê aceitar o fato de que a mãe, tão valorizada nas fases tranqüilas entre as mamadas, é a mesma pessoa que foi e será atacada impiedosamente nas fases de excitação. Winnicott (1963a) cunha as expressões “mãe-objeto” e “mãe-ambiente” para descrever, respectivamente, “a mãe possuidora do objeto parcial que pode satisfazer as necessidades urgentes do lactente, e a mãe como pessoa que evita o imprevisto e que ativamente provê o cuidado de suster e do manejo global” (p. 72).

A tese de Winnicott é de que o concernimento surge na vida do bebê como uma experiência altamente complexa, ao se unirem na sua mente a mãe-objeto e a mãe-ambiente. Nesse momento, do lado do bebê, duas coisas estão acontecendo:

Uma delas é a percepção da identidade entre os dois objetos, a mãe dos momentos tranqüilos e a mãe usada e até atacada no auge da tensão instintiva. A outra é o início do reconhecimento de que existem idéias, fantasias, elaboração imaginativa da função, idéias e fantasias relativas ao fato, mas que não devem ser confundidas com o fato (Winnicott, 1954-55, p. 361-2).

Winnicott (1963a) chama atenção para a importância da ‘fusão’ que se realiza durante essa conquista do desenvolvimento emocional, enquanto o bebê experimenta impulsos agressivos e eróticos dirigidos ao mesmo objeto e ao mesmo tempo: “do lado erótico há tanto procura de satisfação como procura de objeto, e do lado agressivo há um complexo de raiva empregando erotismo muscular e de ódio, que envolve a retenção de um objeto bom em imagem, para comparação” (p. 71).

Ele não cansa de enfatizar a importância vital do ambiente para que essa progressão tão complexa no desenvolvimento emocional possa ocorrer. Ainda que não se trate da dependência absoluta dos momentos iniciais, existe aqui um alto grau de dependência por parte do bebê. É a presença constante da mãe que permite ao bebê colecionar lembranças suficientes que torne para ele possível suportar a ausência materna. Aqui, a palavra chave é tempo. Um ambiente suficientemente bom é representado aqui pela sobrevivência da mãe que, nesse momento, encarna a passagem do tempo.

A mãe está sustentando a situação e o dia prossegue em sua marcha, e o bebê toma consciência de que a mãe ‘tranquila’ esteve envolvida com a grande onda da experiência instintiva, e sobreviveu. Isto se repete dia após dia, e finalmente ocorre um somatório que faz o bebê começar a reconhecer a diferença entre os assim chamados fatos e fantasias, ou entre a realidade interna e a externa (Winnicott, 1954-55, p. 363).

Nessas condições, a presença materna favorece o aparecimento de um fenômeno mais complexo: dois tipos de ansiedade que surgem no bebê, como resultado da experiência instintiva. A primeira está relacionada à ansiedade a respeito do objeto do amor instintivo: “agora, a mãe não é mais a mesma de antes [...] há um buraco onde antes havia um corpo cheio de riquezas” (Winnicott, 1954-55, p. 363). A outra ansiedade diz respeito ao interior do próprio bebê. Depois da mamada,

além de sentir-se apreensivo quanto ao buraco por ele imaginado no corpo da mãe, vê-se também intensamente às voltas com a contenda no interior do eu (*self*), uma briga entre o que é sentido como bom, ou seja, apoiando o eu (*self*), e o que é sentido como mau, ou seja, persecutório” (Winnicott, 1954-55, p. 364).

O termo raiva é o que melhor descreve os sentimentos que começam a surgir nesse momento. Ainda que considere que, “obviamente, alguma raiva devida à frustração é parte integrante mesmo de uma boa experiência” (Idem, p.363), Winnicott propõe uma nova leitura para o fenômeno da raiva devida à frustração:

Em minha descrição chegamos agora à questão da raiva que deriva da frustração. A frustração, impossível de se evitar inteiramente em todas experiências, favorece uma dicotomia: 1. Impulsos agressivos inocentes contra objetos frustrantes. 2. Impulsos agressivos provocadores de culpa contra objetos amados. A frustração age como um elemento sedutor que leva para longe da culpa, e promove um mecanismo de defesa que consiste em separar o amor e o ódio e fazê-los agirem em direções diferentes. Se a cisão dos objetos em bom e mau* realmente ocorre, o sentimento de culpa é atenuado, mas em compensação o amor perde uma parte de seu valioso componente agressivo, e o ódio torna-se mais explosivo. [*nota do autor: Atualmente eu diria ‘idealizado e mau’, em vez de ‘bom e mau’] (Winnicott, 1950-55, p.291-2).

Como observa Abram (2000), enquanto na teoria kleiniana o bebê, através de mecanismos inatos, opera, desde o princípio, a separação entre o bom e o mau objeto – posição esquizo-paranóide -, para Winnicott essa separação se dará como resultado da experiência, mais especificamente, da experiência da frustração. Para Winnicott a coloração do mundo interno do bebê é absolutamente contingente no que diz respeito a sua relação com o mundo externo. A partir desses acontecimentos o interior do bebê ganha complexidade, e a criança nada mais pode fazer além de esperar as consequências. É

preciso, então, supor a existência de um processo de eliminação imaginativa, comparável ao da digestão:

Mas enquanto no processo da digestão física ocorre eliminação apenas de materiais inúteis, o processo de eliminação imaginativa tem um potencial tanto bom quanto ruim. A elaboração demora algum tempo e o bebê pode apenas aguardar os seus resultados entregue passivamente ao que se passa lá dentro. Na saúde, esse mundo interno pessoal transforma-se no infinitamente rico núcleo do eu (*self*) (Winnicott, 1954-55, p. 364).

Winnicott (1954-55) traz à cena a importância da reparação e da restituição. “O bebê abençoado com uma mãe que sobrevive, que reconhece um gesto de doação quando este ocorre, está agora em condições de fazer algo a respeito daquele buraco, o buraco no seio ou no corpo, criado imaginariamente no momento instintivo original” (p.365). O bebê encontra-se, assim, pela primeira vez, em condições de dar algo. Winnicott observa que, sem esse dar não haverá um verdadeiro receber. Ainda que a mãe aceite tanto o que é bom quanto o que é ruim, é preciso que ela saiba distinguir entre o que é oferecido como bom e o que é oferecido como ruim. O gesto de doação somente alcançará o seu valor repositivo, se a mãe fizer a sua parte. Caso contrário, “o fracasso da reparação leva à perda da capacidade de se preocupar e à sua substituição por formas primitivas de culpa e ansiedade” (Winnicott, 1963a, p. 78).

Essa importante fase do desenvolvimento é, na realidade, composta pelas inúmeras repetições que se distribuem ao longo de um período de tempo. Elas irão constituir o que Winnicott chama de ‘círculo benigno’, responsável pela instituição do estágio do *concern*. Um círculo benigno compreende as seguintes etapas:

- 1) experiência instintiva,
- 2) aceitação de responsabilidade que se chama culpa,
- 3) uma resolução ou elaboração,
- 4) um gesto repositivo verdadeiro.

Phillips (1988) observa que, a noção de “círculo benigno leva em conta a sensibilidade da mãe de um modo que Klein nunca havia enfatizado” (p.108). Em circunstâncias favoráveis, a mãe continua viva e disponível, ou seja, além de estar disponível fisicamente ela não está preocupada com outra coisa. Para Winnicott, enquanto “a mãe-objeto tem de demonstrar que sobrevive aos episódios dirigidos pelo instinto, [...] a

mãe-ambiente tem uma função especial, que é a de continuar a ser ela mesma, a ser empática com o lactente, a de estar lá para receber o gesto espontâneo e se alegrar com isso” (Winnicott, 1963a, p. 73). O ponto essencial é que “se o objeto não é destruído é por causa de sua própria capacidade de sobreviver e não por causa da proteção do objeto pelo bebê” (Idem). Caso o bebê encontre uma proteção excessiva por parte da mãe-ambiente, ele se tornará inibido e sua tendência será o afastamento.

A ansiedade do bebê está relacionada com o fato de que, em sua fantasia, se ele consumir a mãe, ele a perderá. No entanto, à medida que o bebê sente que pode contribuir sua ansiedade é passível de se modificar. É o aumento gradativo da confiança de que haverá oportunidade para a contribuição, que torna o bebê capaz de tolerar a ansiedade. Trata-se de uma experiência fundamental para a criança. Winnicott (1963a) acredita que esse modo de suportar a ansiedade tem como consequência a alteração da sua qualidade: ela se transforma em sentimento de culpa. Em outras palavras, o sentimento de culpa, oriundo do uso impiedoso dos objetos pelos impulsos instintivos, pode ser mitigado pela contribuição feita à mãe-ambiente. A mãe-ambiente ao fornecer, com sua presença sensível e atenciosa, oportunidade para o bebê doar e fazer reparações, “capacita o bebê a se tornar cada vez mais audaz ao experimentar seus impulsos instintivos” (Idem). Desde então, “a culpa não é sentida, mas permanece dormente, ou em potencial, e aparece (como tristeza ou estado de ânimo deprimido) somente se não surge a oportunidade de reparação” (Idem). Winnicott cunhou, então, um termo mais positivo para designar esse sentimento de culpa modificado: *concernimento* ou preocupação (*concern*). O importante a ser destacado é que é a oportunidade de contribuir que possibilita à criança a conquista dessa capacidade.

Nesse momento, tudo gira em torno da palavra integração. Ao nos referirmos à ansiedade que é ‘retida’ é preciso ter em mente que “a integração no *tempo* se acrescentou à integração mais estática dos estágios mais precoces” (Idem, p.74 – o grifo é do autor). Como observa Dias (2000), “quando há fracasso da integração, precisamos encontrar fora de nós as coisas que desaprovamos. O preço é a perda da destrutividade que, na verdade, nos pertence. Sem a destrutividade, não há amor verdadeiro” (p. 40). As falhas na integração estão relacionadas com “o fracasso da mãe-objeto em sobreviver ou da mãe-ambiente em prover oportunidades consistentes para reparação que leva a uma perda da

capacidade de se preocupar e à sua substituição por ansiedades e defesas cruas tais como *splitting* e desintegração” (Winnicott, 1963a, p. 74).

A partir do momento em que o bebê alcança o estágio do concernimento, sua psicologia torna-se mais complexa: ele começa a se preocupar não apenas com os efeitos de seus impulsos sobre sua mãe, como também começa a perceber os resultados de suas experiências em seu próprio eu (*self*). Tem início, nesse momento, uma tarefa que o acompanhará por toda a vida, a tarefa de administrar o seu mundo interno:

O fato é que esta tarefa não pode ser iniciada antes que a criança esteja bem alojada no interior de seu corpo, e conseqüentemente em condições de perceber a diferença entre o que está dentro e o que está fora de si mesma, e entre o que é real e o que é fruto de sua fantasia. A administração do mundo externo dependerá da administração do mundo interno (Winnicott, 1950-55, p.292).

A possibilidade de crescimento do mundo interno do bebê está condicionada à conquista do estágio do concernimento. A partir desse momento irão se desenvolver diversos mecanismos de defesa extremamente complexos, os quais devem ser examinados em qualquer tentativa de se compreender a questão da agressividade numa criança que tenha alcançado esse estágio. Encontramos a explicação do comportamento agressivo de uma criança no modo pelo qual ela administra o seu mundo interno. Em termos gerais, pode-se dizer que: “a criança tenta preservar ali [no mundo interno] o que é sentido por ela como benigno, e em certos momentos sente que seria bom eliminar alguma coisa ruim” (Winnicott, 1950-55, p. 294). Clinicamente, essa administração pode se manifestar de várias formas: desde uma dramatização da expulsão do que é ruim, até a apresentação de um humor depressivo. Em casos extremos, encontramos um estado intolerável de morte interna, passível de desenvolver um quadro maníaco complementar. Nesse caso, a conseqüência clínica não é “uma explosão de agressividade, mas um estado de agitação ansiosa comum, hipomania, da qual faz parte uma ligeira agressividade na forma de desarrumação, desleixo, irritação e falta de perseverança construtiva” (Idem). O importante a ser destacado é que, na saúde, a agressividade além de ter um valor positivo para o indivíduo, adquire um valor social:

Na saúde o indivíduo pode guardar a maldade dentro de si para usá-la contra forças externas que ameçam o que ele julga valioso. A agressividade tem, nesse caso, um valor social. Esse valor é dado pelo fato de que aqui, em contraste com a agressividade maníaca ou delirante, ficar preservada a objetividade, e assim o inimigo pode ser

enfrentado com economia de esforços. Trata-se de um inimigo que, para ser atacado, não precisa ser amado (Winnicott, 1950-55, p. 295).

Por fim, é importante notar que todo esse desenvolvimento, “que pode estar a caminho em circunstâncias favoráveis entre os seis e os nove meses de idade, geralmente não é alcançado até que o sujeito venha à análise” (Winnicott, 1954-55, p. 373). Ou seja, nem sempre é alcançado pelo indivíduo.

3.3.2 As raízes da agressividade e a teoria das pulsões

Como sabemos, Winnicott nunca compartilhou da maneira como a teoria psicanalítica à sua época abordava a questão da agressividade. Dentre outras coisas, ele não aceitava que se empregasse o termo agressividade como sinônimo, praticamente, de destrutividade. Ao longo de toda a sua obra, ele empenhou muito de seu esforço teórico na elucidação dessas tendências que, para ele, deveriam ser tratadas como fenômenos de natureza distinta. Como ele mesmo reconhece, isso levou tempo e, apenas em 1969, em um de seus últimos e mais importantes artigos¹⁴, ele estaria em condições de realizar uma formulação mais acabada sobre esse problema. Por um lado, ele discordava da tendência, dominante entre os psicanalistas da sua época, de localizar a origem da agressividade nas reações às inevitáveis frustrações associadas ao princípio de realidade. Por outro, ele nunca concordou com o conceito freudiano de pulsão de morte, especialmente, da maneira como Klein o abordava, nos termos da inveja, do ódio ou do sadismo constitucionais. Sua principal objeção prendia-se ao fato de que, em ambos os casos, não se considerava a importância decisiva do meio-ambiente nos estágios iniciais do desenvolvimento humano. Para Winnicott, é a atitude do ambiente com relação à agressividade do bebê que influencia de maneira determinante o modo como este irá lidar com as moções agressivas que fazem parte de sua natureza humana. Como vimos, já em 1939, em seu primeiro artigo sobre o tema, ele já afirmaria: “o comportamento agressivo de crianças... nunca é uma questão exclusiva de emergência de instintos agressivos primitivos. Nenhuma teoria válida sobre agressividade infantil poderá ser construída a partir de premissa tão falsa” (Winnicott, 1939, p.94).

¹⁴ *O Uso de um Objeto e Relacionamento Através de Identificações*

Na opinião de Zeljko Loparic (1999), Winnicott foi sensível ao fato de que o conceito de pulsão, tal como era utilizado por Freud e Klein, era insuficiente para abordar muitos aspectos que eram essenciais na vida dos bebês: “Existem nos bebês e nos seres humanos em geral necessidades (*needs*) e as urgências (*urges*) básicas que não podem, em princípio, ser vistas como decorrência das exigências instintuais biológicas ou libidinal-pulsionais” (Loparic, 1999, p.134). No seu entender, a formulação feita por Winnicott de uma teoria do desenvolvimento emocional que visa contemplar o processo de amadurecimento pessoal, encontra-se intimamente relacionada à sua rejeição do conceito freudiano de pulsão, constituindo-se como “uma teoria alternativa da urgencialidade” (Idem):

A tendência à integração de Winnicott não é nem uma pulsão, nem um mero resultado da fusão entre diferentes pulsões. Não se trata de uma força de modo algum, mas de uma urgencialidade originária de outro tipo: a que busca a unidade articulada, do si-mesmo, do mundo e da convivência com os outros no trato com as coisas, e, à luz dessa múltipla meta originariamente articulada, governa a acontecimento do ser humano (Loparic, 1999, p.137).

Sem dúvida, a maneira de Winnicott conceber a noção de agressividade é correlata em sua obra a uma crítica ao conceito freudiano de pulsão de morte. Ainda que, em determinados momentos essa crítica seja explícita, ele mesmo nunca se preocupou em formalizar uma teoria pulsional como alternativa à teoria freudiana das pulsões. Como vimos no capítulo 2, Winnicott não está tão isolado em sua crítica à segunda teoria das pulsões freudiana. É possível rastrear uma discussão acerca desse tema, na geração que se seguiu à Freud.

Em Winnicott, a temática da agressividade, além de se fundamentar em uma crítica ao conceito freudiano de pulsão de morte, revela o modo muito peculiar dele utilizar o conceito de pulsão. Segundo Abram (2000), ele empregava o termo ‘instinto’ a fim de sublinhar a base biológica do impulso. O uso idiossincrático que Winnicott fez da “terminologia freudiana, misturada à linguagem dos pacientes, pode tornar algumas das passagens de seu texto de 1950-54 [*Agressividade em relação...*] confusas e de difícil entendimento” (p.13). Phillips (1988) corrobora a opinião dessa autora, afirmando que “os termos de Winnicott [a esse respeito] são potencialmente confusos” (p.106). Ao estabelecer que a motilidade é o precursor da agressão - um termo que ganha sentido à medida que o bebê cresce -, Winnicott postula a existência de uma energia inata para o desenvolvimento

dotada de uma qualidade especificamente agressiva. Algo que pode ser usado para descrever os movimentos do feto, os movimentos de preensão do bebê e a atividade de mastigação que pode, eventualmente, se tornar uma mordida: o potencial agressivo. Para Phillips (1988), este ‘potencial agressivo’, ao qual Winnicott não se refere como um instinto, é equivalente, nos escritos da década de 50, a um potencial para o desenvolvimento. Para esse autor, é importante notar que, nas formulações de Winnicott deste período, aquilo que ele chama de instinto é insuficiente em si mesmo para o desenvolvimento completo do bebê, se não se leva em conta esse potencial agressivo.

Na década de 50, ao investigar as *Raízes Primitivas da Agressividade*, Winnicott postula a existência de duas raízes para a vida pulsional, mas não dois instintos: a raiz erótica e a raiz agressiva. Como ele mesmo relata, a experiência clínica com pacientes regredidos foi decisiva para a formulação dessa hipótese: “quando o paciente está em busca da raiz agressiva de sua vida instintiva a tarefa do analista é mais cansativa, de um modo ou de outro, do que se a busca do paciente é pela raiz erótica” (Winnicott, 1950-55, p.300).

Winnicott (1950-55) descobriu que os componentes agressivo e erótico envolvem o objeto em dois tipos de relacionamentos significativamente distintos:

...as experiências eróticas podem se completar enquanto o objeto é subjetivamente concebido ou criado pela própria pessoa... pode[ndo] ser completada por qualquer coisa que alivie o impulso erótico [...] os impulsos agressivos não proporcionam nenhuma experiência satisfatória a não ser que encontrem oposição (Winnicott, 1950-55, p.301).

Nos estágios iniciais - quando o *eu* e o *não-eu* ainda estão se constituindo -, o componente agressivo conduz o indivíduo rumo a um objeto ou a um *não-eu* que ele sentirá como externo. É a resistência encontrada no mundo externo que irá fornecer ao bebê a definição de seus próprios limites. Como observa Phillips (1988), enquanto “através do componente erótico nos estágios iniciais o bebê e o objeto de seu desejo são aparentemente idênticos, o componente agressivo satisfaz um desejo por diferenciação” (p.110). Assim, enquanto o potencial erótico está localizado em zonas, é biológico e é mais ou menos o mesmo para cada bebê, o “*componente agressivo deve ser extremamente variável*. [...] A quantidade do potencial agressivo do bebê depende da quantidade de oposição que ele terá encontrado” (Winnicott, 1950-55, p.302-3).

Winnicott propõe o termo ‘força-vital’ para designar uma força inicial unificada que, nos estágios mais primitivos do desenvolvimento, se dividiria em dois componentes: o

componente agressivo, nascido da oposição e o componente erótico, nascido da complementariedade. Como observa Abram (2000), Winnicott (1950-55) lança mão de um termo utilizado por Freud em sua teoria das pulsões para falar da combinação desses componentes – a função da fusão. Na sua opinião, a teoria psicanalítica vinha dedicando pouca atenção a esse processo, considerando a fusão dos componentes agressivo e erótico como algo já dado, e não como uma conquista do desenvolvimento que pode ou não se efetivar: “Nem sempre consideramos a era anterior à fusão e o processo da fusão suficientemente significativos” (p.300).

Para Phillips (1988), Winnicott (1950-55) dá início a uma série de importantes distinções, ainda que a terminologia utilizada por ele torne-se, em alguns momentos, um tanto confusa. Ao afirmar que “em suas origens, a agressividade é quase sinônimo de atividade” (p.289), ele estabelece “uma noção de agressividade primária que não é nem um instinto, nem algo parecido a uma urgência para a destruição” (Phillips, 1988, p.106).

Em *Natureza Humana*, encontramos uma das formulações mais explícitas da sua crítica ao conceito freudiano de pulsão de morte, bem como a enunciação da sua correlata preocupação com as raízes do comportamento agressivo:

Freud falou sobre o estado inorgânico do qual se origina cada indivíduo e ao qual todo indivíduo retorna, e com base nisto formulou a sua idéia dos Instintos de Vida e de Morte. Ao propor este fato óbvio sugerindo que ali estava oculta uma verdade, Freud nos deu uma amostra de seu gênio. No entanto, nem o uso que Freud fez desse fato nem o desenvolvimento da teoria dos Instintos de Vida e de Morte a partir do mesmo foram capazes de me convencer, e seria mais útil aos que pretendem levar adiante o trabalho de Freud que, deste ponto em diante, abandonem tudo exceto a idéia original.

[...] do ponto de vista do indivíduo e da experiência individual (que constitui a Psicologia), o indivíduo emerge não do inorgânico mas da solidão. [...] Este estado é muito anterior ao instinto, e mais longínquo ainda da capacidade de sentir culpa.

Ao final, sua teoria se torna uma falsa teoria da morte que ocorre como um fim para a vida, e uma teoria da agressividade que também se revela falsa, porque deixa de lado duas fontes vitalmente importantes da agressão: aquela inerente aos impulsos do amor primitivo (no estágio anterior ao *concern*, independentes das reações à frustração), e aquela pertencente à interrupção da continuidade do ser pela intrusão que obriga a reagir. [...] as dúvidas do próprio Freud quanto a validade da sua teoria tornaram-se, a meu ver, mais importantes que a teoria em si mesma. De qualquer modo, é sempre possível que eu tenha compreendido mal as verdadeiras intenções de Freud (Winnicott, 1988[54], p. 155 - o grifo é do tradutor).

Como podemos perceber, a base a partir da qual Winnicott efetua suas reflexões é bem distinta da de Freud. Enquanto neste encontramos o relato de um observador sensível e atento, mas ainda assim ‘externo’ aos acontecimentos que descreve, em Winnicott

(1988[54]) nos deparamos com o seu esforço para nos relatar os eventos a partir do ponto de vista do sujeito da experiência. Portanto, é a partir dessa premissa que devemos tentar apreender a sua afirmação de que “o indivíduo emerge não do inorgânico mas da solidão” (Idem). Como veremos no próximo capítulo, para Winnicott, será cada vez mais “necessário considerar o conceito de isolamento deste [do] *self* central como uma característica de saúde” (Winnicott, 1960b, p. 46). Nesse contexto, ainda que ele pudesse reconhecer que “no impulso do amor primitivo encontraremos sempre uma reação agressiva, pois na prática não existe a satisfação total do id” (Winnicott, 1950-55, p. 295), por outro lado, ele acreditava firmemente na necessidade de se buscar as raízes próprias da agressividade, independente das experiências de frustração. Ele sustentava o seu ponto de vista apoiado em sua perspectiva genética sobre o tornar-se pessoa:

O impulso do amor primitivo opera num estágio em que o ego está apenas começando a desenvolver-se, quando a integração, por exemplo, ainda não é um fato estabelecido. Existe um amor primitivo em funcionamento num período em que não é possível ainda a aceitação da responsabilidade. Nessa etapa não há ainda nem mesmo a ausência de concernimento. Trata-se de uma era em que, se a destruição é parte do objetivo do impulso do id, sua presença ali é meramente incidental a satisfação. A destruição torna-se uma responsabilidade do ego, quando este já integrado e organizado a ponto de existir a raiva e, conseqüentemente o temor à retaliação (Winnicott, 1950-55, p. 296).

O importante a ser destacado é que, ainda que Winnicott não tenha se preocupado em formalizar uma teoria das pulsões e, como vimos, alguns autores cheguem até mesmo a considerar suas formulações um tanto confusas, sua investigação acerca das raízes da agressividade resultou em uma das contribuições mais originais à teoria psicanalítica. Se não nos deixarmos capturar apenas pela aparência, encontraremos à nossa disposição um extenso material de inestimável valor não apenas teórico, mas, sobretudo, clínico, imprescindível a todos os estudiosos interessados nessa temática.

3.3.3 A pré-história do elemento agressivo: a motilidade, a função da fusão, a necessidade de oposição e o sentir-se real.

Como vimos, na década de 50, Winnicott empenha seus esforços na tarefa de examinar a pré-história do elemento agressivo (destrutivo apenas por acaso). Em suas origens, a agressividade é sinônimo de atividade. Para ele, encontramos “duas fontes

vitalmente importantes da agressão: aquela inerente aos impulsos do amor primitivo (no estágio anterior ao *concern*, independentes das reações à frustração), e aquela pertencente à interrupção da continuidade do ser pela intrusão que obriga a reagir” (Winnicott, 1988[54] - o grifo é autor). Tornava-se cada vez mais evidente a necessidade de se considerar os estágios iniciais do desenvolvimento, numa investigação sobre a agressividade. Desta feita, ao remontar às experiências iniciais do Id, ele sugere, inspirado no trabalho de Hartmann, que “talvez fosse melhor aceitar a idéia de uma fase de indiferenciação Id-Ego” (Winnicott, 1950-55, p.297).

Nesse contexto, alguns pontos são importantes de serem destacados. Primeiro, ele retoma a relação entre agressividade e destrutividade, ao reafirmar a natureza impiedosa dos impulsos do amor primitivo (*ruthless love*) enfatizando, no entanto, tratar-se de uma “era em que, se a destruição é parte do objetivo do impulso do id, sua presença ali é meramente incidental a satisfação” (Winnicott, 1950-55, p. 296). Melhor dizendo, “os impulsos do amor primitivo (id) têm um aspecto destrutivo, embora não haja na criança a intenção de destruir” (Idem). Na década de 50 ele acrescenta um elemento conceitual fundamental que persistirá até o fim de sua obra: a ausência de qualquer tipo de preocupação, por parte do bebê, com respeito aos resultados de seu amor excitado, em virtude da indistinção inicial entre eu e não-eu.

Em segundo lugar, é importante notar que, ao mesmo tempo em que ele reconhece uma raiz instintual da destrutividade que é inerente ao impulso amoroso primitivo, ele localiza a origem da agressividade na motilidade (erotismo muscular) própria a todo organismo vivo. Para Winnicott (1950-55), “certos elementos datam dos albores do movimento fetal – ou seja, a motilidade... Devemos acrescentar a isto um elemento correspondente cuja origem é a vertente sensória” (p.296).

Por fim, é importante notar que ele retoma as idéias introduzidas em seu artigo de 1952, *Psicoses e Cuidados Maternos*, no qual ele investiga o modo pelo qual o indivíduo é afetado pelas tendências do ambiente, a fim de indicar uma fonte especialmente importante de agressividade: a falha nos cuidados maternos iniciais que obriga o indivíduo a reagir.

Antes de qualquer coisa, é necessário diferenciar entre a raiz instintual da destrutividade e a raiz motora da agressividade (a motilidade). Como observa Dias (2000),

ao considerarmos os estágios iniciais do desenvolvimento, os impulsos que surgem nos estados excitados são marcados por um caráter de urgência e decorrem, em última instância, do fato do bebê estar vivo. Segundo a autora, nesse contexto “dois tipos de impulsos devem ser diferenciados: o que tem origem na tensão instintual¹⁵ e o que deriva da motilidade, da necessidade de movimentar-se, exercitar a vivacidade que está presente nos músculos e tecidos e de topar com objetos” (Dias, 2000, p.14).

Como vimos, a motilidade já se manifesta mesmo antes de o bebê nascer, através dos movimentos fetais dentro do útero: “ao movimentar-se, a criança dá de encontro com alguma coisa e, com isso o meio ambiente é constantemente descoberto e redescoberto” (Idem). Como assinala Dias (2000), é importante esclarecer o significado dessas ‘descobertas’ iniciais do bebê, na medida em que estamos falando de um período no qual não existe ainda a distinção entre um eu e um não-eu:

Descobrir o ambiente, nesse momento inicial, não significa que o bebê se dá conta da existência de objetos externos, mas que começa a haver, pela repetição do contato, um crescente ‘conhecimento’, que não é mental, mas baseado na familiaridade que vai sendo construída, de atributos como permanência, consistência, durabilidade, etc., anterior, portanto, à consciência da existência de um mundo e de objetos externos (Dias, 2000, p.15).

Por sua vez, a raiz instintual da destrutividade encontra-se vinculada ao estado imperioso de urgência gerado, no bebê, pela tensão instintual que clama por um alívio imediato. Ainda que não se possa dizer que o bebê saiba algo sobre a necessidade que o aflige ou mesmo sobre o que deve ser feito para aplacá-la, é possível afirmar que essa condição leva o bebê a buscar algo em algum lugar. De tal forma que, quando a mãe apresenta o seio no momento oportuno e o bebê o ataca vorazmente movido por impulsos poderosos, ela propicia o aparecimento, da sensação de ter encontrado aquilo que ele buscava. É importante notar que tanto a movimentação vigorosa quanto o impulso imperioso podem parecer ao observador uma demonstração de agressividade. Contudo, como observa Winnicott, não se pode falar que o bebê esteja tentando machucar, porque ele “ainda não está suficientemente desenvolvido para que a agressividade já possa significar alguma coisa” (Winnicott, 1968a, p. 26). A partir da década de 50, ao remontar à

¹⁵ Como observa Dias (2000), “a rigor, quando se refere aos estágios iniciais, Winnicott não fala em instintos, mas em *tensão instintual*. Ele reserva o termo instinto para o momento do amadurecimento em que a vida instintual puder ser integrada como uma experiência do eu” (p.20 – o grifo é do autor).

motilidade vital a origem da agressividade, Winnicott faz da agressividade primária sinônimo de espontaneidade, principal veículo da criatividade primária.

Para Winnicott (1950-55) a motilidade está no início de tudo, ela antecede, até mesmo, a manifestação do impulso cruel, o qual, na sua concepção, é dependente da oposição externa para se constituir. Em condições satisfatórias “é preciso que cada bebê injete o máximo de motilidade primitiva nas experiências do Id” (p. 297). É neste ponto que se mostra “verdadeira a idéia de que o bebê precisa da frustração promovida pela realidade – pois se a experiência do Id fosse completa e sem obstáculo algum, ocorreria a frustração dessa outra parte derivada da raiz motora” (Idem).

Em termos gerais, “no padrão das experiências do id de cada bebê, estão incluídos x por cento de motilidade primitiva. Restam $100 - x$ por cento para serem usados de outros modos – e deve ser esta a razão da ampla diferença existente entre os indivíduos quanto à sua agressividade” (Idem). Em virtude das condições ambientais iniciais, três padrões podem se desenvolver em torno do fenômeno da motilidade. O primeiro, ao qual Winnicott irá se referir como sendo o da saúde¹⁶, é proporcionado por uma maternagem suficientemente boa. Ele é enfático em afirmar que “nestas condições, e somente nestas condições o indivíduo pode começar a existir, começar a existir para viver experiências do Id. O palco está armado para a introdução máxima da motilidade nas experiências do Id” (Winnicott, 1950-55, p. 298). Nele,

O ambiente é constantemente descoberto e redescoberto a partir da motilidade. Aqui, cada experiência no contexto do narcisismo primário enfatiza o fato de que o indivíduo está se desenvolvendo no centro, e o contato com o ambiente *é uma experiência do indivíduo* (em seu estado de ego-id indiferenciados, a princípio) (Winnicott, 1950-55, p. 297-8 – o grifo é do autor).

Winnicott utiliza, então, a palavra ‘fusão’ para indicar “o processo positivo pelo qual elementos difusos que fazem parte de um erotismo muscular e do movimento se tornam (normalmente) fundidos com o funcionamento orgiástico das zonas erógenas” (Winnicott, 1960b, p. 45). Algo que, como ele enfatiza, somente é passível de acontecer no âmbito de uma maternagem satisfatória, sendo descrito por ele nos seguintes termos:

¹⁶ Como vimos no capítulo 2, a noção de saúde em Winnicott encontra-se vinculada à possibilidade da relação ao outro, da qual somos todos dependentes, possa ser vivenciada pelo indivíduo de maneira não submissa. Ou seja, na saúde encontramos a condição necessária para que a motilidade inerente à vitalidade própria dos tecidos possa se expressar com espontaneidade.

Ocorre a fusão entre o x por cento do potencial de motilidade e o potencial erótico (sendo que x é quantitativamente elevado). Ainda assim, há 100- x por cento do potencial de motilidade deixado de fora da fusão, ficando disponível para ser usado com objetivos puramente motores.

É preciso lembrar que a fusão torna possíveis experiências que *nada tem a ver com gestos de oposição* (reações à frustração). Aquilo que irá se fundir ao potencial erótico é satisfeito pela gratificação instintiva. Por contraste, os 100- x de motilidade não fundidos *precisam encontrar oposição*. Essa parte da motilidade *precisa de algo para empurrar*, caso contrário permanecerá sem experiências e constituirá uma ameaça para o bem-estar. Na saúde o indivíduo sente prazer em buscar a oposição adequada (Winnicott, 1950-55, p. 298 – o grifo é do autor).

Aqui se revela a importância decisiva da mãe suficientemente boa. A oposição é necessária para dar realidade ao impulso, permitindo o desenvolvimento daquilo que Winnicott designa como o potencial agressivo de todo indivíduo. Contudo, quando a oposição é excessiva ela se transforma em intrusão¹⁷, tornando-se responsável pelo aparecimento do segundo e do terceiro padrão, dependendo do grau da sua incidência. Em termos gerais, nessa condição, “em vez de uma série de experiências individuais, temos uma série de *reações à intrusão*... desenvolve-se uma retirada em direção à quietude, única situação em que a existência individual é possível. A motilidade é, agora, parte da experiência da reação à intrusão” (Winnicott, 1950-55, p. 297 – o grifo é do autor).

Nos termos de Winnicott, a reação à intrusão significa que o sentido de *self* do bebê, bem como o seu continuar-a-ser (*going on being*) é interrompido e a função da fusão fica suspensa - uma violação do *self*. O potencial agressivo de cada indivíduo é, portanto, variável, na medida em que depende do grau de oposição que pode ser encontrada no ambiente. Ou seja, ele é dependente da maneira pela qual os limites aos movimentos ou qualquer expressão corporal foram estabelecidos. A partir dessas considerações Winnicott nos fornece suas conclusões: uma reflexão detalhada, ainda que de forma resumida, sobre as vicissitudes da força vital ainda na vida intra-uterina:

Na saúde, os impulsos do feto levam à descoberta de que existe um ambiente, sendo este último a oposição encontrada pelo movimento e sentida durante o movimento. A consequência, aqui, é um reconhecimento precoce do *Eu*. (Fica subentendido que, na prática, tais coisas acontecem gradualmente, indo e vindo repetidamente, sendo alcançadas e perdidas em seguida.)

Na doença ocorre que neste estágio tão primitivo é o ambiente que se impõe, sendo a força vital consumida em reações à intrusão – e a consequência é o contrário da sólida instauração do *Eu*. Em casos extremos acontecem muito poucas experiências a não ser

¹⁷ A questão da intrusão ambiental será abordada de modo mais abrangente no próximo capítulo.

através de reações, e o *Eu* não se estabelece. Em vez disso encontramos um desenvolvimento baseado na experiência da reação. O indivíduo que assim passa a existir será chamado de falso¹⁸, pois a impulsividade pessoal estará ausente. Neste caso não haverá fusão dos componentes agressivo e erótico, pois o *Eu* não está instaurado no momento da experiência erótica. O bebê vive, pois alguém o seduz para a experiência erótica. Mas ao lado da vida erótica, que jamais é sentida como real, encontraremos uma vida de agressividade reativa dependente da experiência de oposição... O estado mais comum é *a falta de fusão em algum grau* (Winnicott, 1950-55, p. 303 – o grifo é do autor).

É digno de nota a precocidade desses acontecimentos tão decisivos para as etapas posteriores de nossas vidas. Aliás, como o próprio Winnicott (1950-55) sugere, “muita coisa acontece antes da primeira mamada” (p. 300). É importante notar que a sensação de realidade com relação à própria existência advém, principalmente, da raiz motora. “As experiências eróticas com uma fraca participação do elemento motilidade não fortalecem a sensação de realidade ou de existir” (Idem, p. 299). O corolário disso é a importância do processo de fusão, pois, é “a fusão da agressividade com o componente erótico incrementa a sensação de realidade da experiência” (Idem). É essa ‘sensação de realidade’ - o sentir-se real – que dá ao indivíduo a sensação de que a vida vale a pena ser vivida.

Real aqui significa que o indivíduo sente que o contato foi estabelecido com algo genuinamente outro que resiste à coerção. Para Phillips (1988), Winnicott constrói com suas formulações um sistema idiossincrásico, no qual o termo “‘real’ vem significar distinto, [enquanto] ‘irreal’, pela implicação do domínio do erótico, significa, ao menos, parcialmente fundido com” (p.111). Portanto, é somente através do componente agressivo que o relacionamento com outros reais pode existir. Essas são considerações valiosas, que permitem uma melhor compreensão da afirmação de Winnicott segundo a qual, “*a não ser que o ambiente tenha sido suficientemente bom, o ser humano não poderá diferenciar-se, e não poderá então ser estudado em termos de uma psicologia da normalidade*” (Winnicott, 1950-55, p. 300 – o grifo é do autor).

Para Phillips (1988), o que permite a Winnicott falar de agressividade primária – motilidade primitiva – em termos de espontaneidade, é o fato dele vincular tanto a noção de vitalidade quanto a sensação de sentir-se real ao componente agressivo. Desde então,

¹⁸ A questão sobre a distinção entre um verdadeiro e um falso *self* será abordada no próximo capítulo.

a espontaneidade encontra-se relacionada ao gesto impulsivo que se efetiva em sintonia com os acontecimentos do mundo. A espontaneidade torna-se, assim, a principal virtude de uma boa vida. Sem dúvida, o gesto impulsivo (espontâneo) do bebê precisa ser encontrado pela mãe. Uma mãe que, segundo Phillips (1988), “funciona como um colaborador de seu bebê - ao mesmo tempo, suficientemente outro e suficientemente identificado com ele – e não um cúmplice” (p. 112). É essa oposição sensível e responsiva do objeto externo, que viabiliza o aparecimento do potencial agressivo e é imprescindível ao desenvolvimento. Em contrapartida, é importante notar que, para Winnicott, a satisfação pulsional seria, potencialmente aniquiladora:

Especialmente se a satisfação física rouba-lhe [do bebê] o apetite muito rapidamente. O bebê fica então com: a agressividade não descarregada – pois o erotismo muscular ou impulso primitivo (motilidade) não foi suficientemente utilizado durante a mamada; ou com um sentimento de fiasco – pois uma fonte do prazer de viver foi embora repentinamente, e o bebê não sabe que ela irá voltar (Winnicott, 1954-55, p. 362).

Desse modo, somos levados a concluir que é o componente agressivo - a raiz motora - o responsável pela realização de uma experiência instintual que pode ser sentida como verdadeira, na condição de ser encontrado pela mãe. Com essas formulações, Winnicott aproxima a temática da criatividade aos impulsos do amor primário, às experiências instintuais verdadeiras mais remotas que comportam uma agressividade impiedosa (*ruthlessness*). A criatividade, assim, ao invés de estar vinculada a atividade reparadora do estágio, relativamente tardio, do concernimento (*concern*), surge como algo primário - associada aos impulsos impiedosos (*ruthlessness*) do amor primário -, tornando-se a marca distintiva do pensamento de Winnicott. Como veremos, no próximo capítulo, os estágios mais primitivos do desenvolvimento são intrinsecamente os mais criativos.